

CEDI - P. I. B.
DATA 26 / 05 / 93
COD. ERD 00040

OS VERDES, A ECOLOGIA E A MINERAÇÃO EM ÁREAS INDÍGENAS

*Fernando Gabeira **

Eu tenho muito prazer em estar com vocês, pois pela primeira vez venho a Uberlândia. Acabamos de chegar de uma demonstração no centro da cidade, diante da Prefeitura. Durante esta noite, sem que ninguém percebesse, o prefeito mandou cortar vinte e cinco árvores de uma praça defronte à Casa da Cultura. Sendo assim, nós fizemos, junto com as pessoas que lá estavam, uma pequena manifestação na porta da Prefeitura, protestando contra a derrubada das árvores. Eu peço a vocês que se manifestem, sempre que puderem, junto ao prefeito e repudiem este ato.

"Até alguns anos atrás quem falava pelos índios eram os brancos. Hoje os índios começam a falar por eles próprios."

Bem, eu fui chamado a Uberlândia para falar sobre a questão da mineração em terras indígenas. Este tema é interessante, foi muito discutido durante a elaboração da Constituição de 1988 e os constituintes decidiram que não apenas a mineração como também a pesquisa dos minerais nas áreas indígenas só poderiam ser feitas com autorização do Congresso Nacional. Isso representou um grande avanço na história da legislação brasileira. Mas aí está o problema: entre o avanço que se consegue na lei e o que acontece na realidade, atualmente, há uma distância muito grande e essa distância nós não podemos ainda preencher. Por quê? Porque hoje - e é fundamental que se diga aqui - uma das mais importantes nações indígenas do mundo, talvez a mais nobre, orgulhosa e mais bonita daquela região, está sendo destruída, sistematicamente, pelo garimpo. É a nação dos índios ianomami. Nós sabemos pela Constituição que não deveriam explorar ouro naquela região, nem deveriam atacar as terras indígenas. Na Amazônia, hoje, existem aproximadamente oitocentos mil garimpeiros. Estes chegaram a lugares

*Fernando Gabeira, escritor e jornalista, autor, entre outros, dos livros *O que é isso, Companheiro?* e *O Crepúsculo do Macho*, é presidente do Partido Verde. Ele esteve em Uberlândia a 19 de outubro de 1989, a convite do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais (NUHCIS/UFU) e do movimento SOS Meio Ambiente. Proferiu palestra no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, que, agora, *História & Perspectivas* publica com a devida autorização do autor. O trabalho final de edição foi feito por Adalberto Paranhos, jornalista e professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da UFU. À época Fernando Gabeira corria o Brasil em campanha à presidência da República. Das seguidas referências às questões programáticas contidas na sua fala.

onde o homem branco nunca chegou. Os garimpeiros fazem praticamente o que querem na Amazônia, pois não há no momento nenhuma possibilidade de combatê-los. Eles instalaram mais ou menos 40 aeroportos clandestinos nas terras desse povo e têm prejudicado de várias maneiras os índios.

Os ianomami vivem em Roraima, no lado brasileiro, e, na Venezuela, nos limites deste país com o nosso território, fazendo parte da mesma nação, do mesmo povo. Uma das ameaças mais sérias contra eles e contra a Amazônia, tema este que entramos na campanha à presidência da República para denunciar, é a destruição dos rios pelo mercúrio. Um exemplo disso é o que ocorreu numa baía do Japão, onde as pessoas sofreram doenças degenerativas em função da contaminação pelo mercúrio. Estive em Santarém, na Amazônia, e vi muitas pessoas também com doenças degenerativas provocadas pelo mercúrio. Os garimpeiros utilizam esse elemento para purificar o ouro e separá-lo das impurezas. O mercúrio está envenenando os peixes e, conseqüentemente, os seres humanos. Nesse sentido, fomos a Brasília, juntamente com Davi Kopenawa, um homem lutador daquela região, exigir do presidente Sarney que determinasse a retirada dos garimpeiros da área ianomami, que fechasse os aeroportos clandestinos e que desse assistência médica especial aos índios. Essa tribo era sadia, não tinha maiores problemas de saúde, hoje passou a ter doenças venéreas e até AIDS.

A nossa exigência era a de que o presidente interferisse. Fizemos uma grande manifestação em Brasília, com os ianomami e outras nações indígenas. O presidente nem sequer nos recebeu. Ele não nos recebeu porque não reconheceu a importância desse povo e desse tema, e, mais ainda, não reconheceu a importância de se fazer uma Constituição e respeitá-la. Nós sabemos que o movimento indígena no Brasil vive uma nova fase importantíssima na sua história. Até alguns anos atrás quem falava pelos índios eram os brancos. Hoje os índios começam a falar por eles próprios, passam a defender as suas idéias e a ocupar os seus espaços. Surgiram lideranças importantes entre os kayapó, xavantes, etc. Eles começaram a se unir em todo o Brasil e a levantar bandeiras fundamentais. Eu tive oportunidade de lutar com eles em Altamira contra a represa de Kararaô, a grande hidrelétrica de Kararaô que ameaçaria a vida desses índios. E naquele momento estávamos lutando também por uma coisa importante para o Partido Verde, que é a discussão democrática acerca do nosso projeto de energia. Porque o Brasil hoje tem energia e a produz através de caminhos errôneos. Um destes caminhos, que temos denunciado diariamente, é o da energia nuclear. Felizmente esta semana conseguimos fechar a perigosa Usina

Nuclear de Angra dos Reis. Entramos na Justiça e depois de uma batalha judicial de três anos conseguimos fechá-la. Nós fecharemos as outras e vamos fechar a produção do submarino nuclear de Aramã, no estado de São Paulo.

Mas, como dizia, os índios naquele momento em Altamira levantaram uma discussão básica sobre como construir hidrelétricas na Amazônia. Estas, até hoje, só fizeram destruir a região, ameaçando as culturas indígenas. Eles iniciaram um processo novo no Brasil, porque estimularam a discussão democrática. A luta dos índios e pelos índios depende enormemente do avanço democrático e depende também do momento político que estamos vivendo. Isto tudo está correlacionado com as transformações políticas que ocorrerão no país agora. Faz vinte e nove anos que o Brasil não escolhe o seu presidente da República. Pela primeira vez na história, a grande maioria de vocês vai poder votar para presidente da República. Daí a necessidade de que a gente se prepare. É indispensável que a gente compreenda que há perspectivas políticas que podem proteger os índios, a sua luta, como também garantir uma outra perspectiva para a mineração em área indígena. Existem perspectivas políticas que vão resultar na destruição final dos índios brasileiros. Por quê? Porque a questão indígena brasileira está concentrada nas mãos dos militares, que têm papel-chave na definição da política indígena e amazônica. Os militares criaram o Calha-Norte, que visa, teoricamente, defender as fronteiras do Norte brasileiro. Porém, no fundo, esse projeto é altamente perigoso para várias nações indígenas, pois quer transformá-las em simples colônias agrícolas. Temos denunciado isso constantemente e chamamos a atenção de vocês para o fato de que a mineração em terras indígenas se dá num espaço muito especial chamado Amazônia.

Todos nós ouvimos falar sobre a Amazônia. Todos ouvimos o Sting, os grandes cantores do rock mundial dizerem que pretendem salvar a Amazônia. Muito bem, mas o que significa hoje salvar a Amazônia? Quem é que tem um projeto real para isso? São muito poucos. Nós entramos na campanha política brasileira exatamente para pôr em destaque esse tipo de questão, para dizer que, nesse lugar onde moram 70% dos índios brasileiros, onde se abrigam metade das espécies animais e metade das espécies vegetais do mundo, nesse lugar vamos lutar, colocando a Amazônia no centro das preocupações internacionais e criando outro projeto de desenvolvimento para ela. As pessoas que gostam de bois e pecuária, que me desculpem: a criação de gado na Amazônia foi um desastre. A concepção de exploração da Amazônia desenvolvida até hoje tem sido um desastre. A mata está sendo destruída para render carvão a 0,18

(dezoito) centavos o quilo. Uma das saídas para se resolver a questão da Amazônia, a nosso ver, seria, em primeiro lugar, fazer um zoneamento, definindo quais as áreas de agricultura, de preservação, e é preciso, sobretudo, demarcar as terras indígenas. É preciso proibir o uso de mercúrio nos rios. É preciso proibir a venda das toras, porque os japoneses compram a madeira bruta da Amazônia e a beneficiam fora do Brasil. É preciso uma outra política de mineração, porque esta está destruindo a Amazônia. Penso que se conseguirmos zonear a Amazônia, impedir a exploração de madeira e demarcar as terras indígenas, estaremos avançando muito. E mais, concretizar o sonho de Chico Mendes: criar reservas extrativistas na Amazônia. Ele e seus companheiros exploraram de forma coletiva os seringais. Algumas revistas inglesas inclusive constataram ser este um dos caminhos lucrativos para a Amazônia, pelo menos melhor que o caminho seguido pela ditadura militar e pela UDR (a UDR do Amazonas, por sinal, é composta também de muitos assassinos, como temos demonstrado, até sob a ameaça de morte). Quero deixar claro que é possível salvar a Amazônia. Com isso estamos dando uma tremenda força aos índios desta região. Nós assistimos em Altamira a um encontro entre nações indígenas, seringueiros e populações ribeirinhas. Formou-se então uma grande aliança dos povos da floresta, e esta será a base da proteção da Amazônia. Acreditamos que só poderão governar realmente o Brasil e ter sucesso na Amazônia aqueles partidos políticos que tiverem diálogo e apoio dos povos da floresta.

É chegada a hora de ver a realidade com olhos verdes

Eu gostaria de colocar outras idéias, agora como candidato a presidente da República, e responder a algumas perguntas que nos fazem. A primeira delas seria: por que o Partido Verde, que só defende a natureza, quer dirigir o Brasil? O Partido Verde não é só pela defesa da natureza. O Partido Verde não objetiva apenas proteger as árvores, os rios, o mar, os índios. O Partido Verde é também uma concepção de vida, uma proposta de organização da sociedade e de alternativas para obtenção de energia. Nós lutamos muito por isso, para que haja no Brasil pequenas hidrelétricas, pequenas centrais térmicas e para que seja utilizada a energia solar. Muitas pessoas afirmam que a energia solar é muito cara e não interessa no momento. Não é verdade. Quando fui a Israel pude conhecer os dois maiores técnicos em energia solar, que são brasileiros e aqui não têm chance de trabalhar. Nós podemos usar a energia dos ventos no litoral brasileiro; muita coisa poderia funcionar assim. Nós nos engajamos na campanha porque o Brasil vai se reestruturar a partir de agora e queremos influenciar no

rumo dos acontecimentos. A indústria, por exemplo, será diferente depois da ecologia. As indústrias pensarão cada vez mais em não poluir o meio ambiente. As geladeiras, os carros não serão mais os mesmos. Tudo vai mudar na estrutura industrial. Nós queremos influir nos destinos do Brasil. Não podemos chegar atrasados neste processo.

O Partido Verde jamais deixou de participar das lutas ligadas à justiça social, por melhores salários, por uma reforma agrária ecológica. Uma reforma agrária em que as pessoas estejam unidas, mas que saibam preservar as nascentes, que saibam reflorestar coletivamente, não usando agrotóxicos. A situação no Brasil é muito especial. Nós temos gente que morre de fome e gente que morre porque comeu alguma coisa. Nós estamos comendo comida envenenada. Um exemplo recente que demonstra isso é o da batata. Há dias tivemos que impedir o descarregamento de cevada contaminada por produtos químicos no porto do Rio de Janeiro. Queriam retirá-la para uma fábrica de cervejas, como se nada tivesse acontecido. Portanto, mais do que defender o meio ambiente no Brasil, nós queremos lutar também pela justiça social; ao lado dos assalariados, por melhores salários; ao lado dos sem-terra, pela sua terra; ao lado das mulheres, nas suas reivindicações; dos negros, índios e todos aqueles oprimidos no Brasil.

O Partido Verde também traz uma série de idéias para ampliar as liberdades individuais e as liberdades públicas. Um dos aspectos mais importantes para nós é a democratização dos meios de comunicação, por não estarmos satisfeitos com a maneira como os meios de comunicação dirigem o Brasil. Antes nós éramos dirigidos por generais de óculos escuros que diziam: "Eu prendo e arrebeno". E era fácil compreender que esses generais eram opressores. Hoje nós somos explorados, somos dirigidos por um processo muito mais sedutor, que é a televisão. São as novelas, são os atores, é o colorido, tudo que entra na nossa casa e nos seduz. Em meio a essa sedução é passada uma proposta de modo de vida, uma proposta política, que muitas vezes compramos e interiorizamos sem saber. Qual é a saída para isso? A saída não é acabar com a TV Globo, destruí-la ou estatizá-la. A saída é nós conseguirmos que o movimento sindical, ambiental, de mulheres, negros, enfim, todo o movimento popular tenha sua rádio e sua televisão.

Tenho falado para platéias mais ou menos da idade de vocês e tenho colocado alguns pontos que dizem respeito à vida, ao futuro e à liberdade de vocês. Por exemplo, a liberdade dos adolescentes no Brasil de não terem que servir o exército. Somos contra o serviço militar obrigatório por acreditarmos que existem

outras maneiras úteis de servir o Brasil, na saúde, no meio ambiente e na própria universidade. Somos também favoráveis à ampliação dos direitos das mulheres e ao reexame da sua situação. As mulheres no Brasil são profundamente oprimidas e pelo mesmo trabalho dos homens recebem 47% de salários. Eu tenho duas filhas e acho um absurdo que elas cresçam num país onde com o mesmo trabalho e, às vezes, mais talento recebam a metade do salário pago aos homens.

Um outro aspecto da maior importância na nossa campanha, e que os partidos tradicionais nem mencionam, se liga ao direito de se interromper uma gravidez indesejada. Ninguém fala nisso, a menos que os candidatos sejam abordados em programa de televisão. Nós somos contra o aborto. Ninguém em sã consciência é favorável ao aborto. Porém somos favoráveis a que as mulheres recebam assistência para poderem realizar a sua escolha; que as mulheres pobres possam fazer o aborto nos hospitais do Estado, para não morrerem como morrem hoje, e que se desencadeie uma ampla campanha de educação para que se reduza a gravidez indesejada. Nós sabemos que muitas mulheres no Brasil ficam grávidas porque não conhecem o seu processo reprodutivo. Muitas adolescentes ficam grávidas porque não sabem sequer que o ato de amor pode engravidá-las. É fundamental, então, que a gente faça um trabalho amplo de informação, que é a melhor maneira de se combater o aborto, permitindo a máxima possibilidade das mulheres controlarem o seu ciclo reprodutivo.

Outro tema bastante delicado e que tem sido o ponto máximo da estigmatização da nossa campanha é a droga. Estamos na campanha inclusive para discutir uma política de drogas. Este país é profundamente hipócrita a respeito disso. Temos repetido que ninguém deve ser reprimido no Brasil porque é consumidor de drogas. É absurdo prender uma pessoa com baseado na mão e colocá-la quatro ou cinco dias na cadeia junto com delinquentes com os quais ela nada tem a ver. Além disso, tem morrido muito mais gente na luta entre os traficantes do que com doses excessivas de droga. Temos afirmado que é possível nós tratarmos desse assunto de uma outra maneira. Outro dia eu estava discutindo na televisão com um delegado de polícia e ele dizia assustado: "Eu vi um homem matar uma mulher e a sua filha com uma espingarda de elefante e esse homem tinha fumado maconha". Eu disse a ele: eu me impressiono bastante com a sua perplexidade diante da maconha, mas me impressiona também a sua total apatia diante da espingarda de matar elefante, porque isso é permitido e não é problema no Brasil. As pessoas podem comprar e andar com armas mais ou menos à vontade. A nossa proposta é de regulamentar o comércio de drogas, de canalizar parte do dinheiro nele envolvido em favor de clínicas de recuperação de

peças dependentes. Tentamos encarar este problema sem hipocrisia. Ora, a droga no Brasil não é proibida. Não existe uma pessoa rica na cadeia porque fumou maconha. Todas as pessoas que estão presas por este motivo são pobres. Não tiveram dinheiro para subornar a polícia. Nós não mistificamos a droga. A droga em si nem é a raiz de todos os problemas e nem a solução. Eu tenho muitos amigos que fumam o mesmo baseado, diante do mesmo pôr-do-sol, há dez anos, e reclamam que nada de novo acontece. Claro, não vai acontecer nada de novo enquanto não mudarem a sua vida, enquanto não tomarem as opções cotidianas. Porque o que muda a vida da gente é o fato de enfrentarmos os problemas de cada dia e lutar para mudar. Por isso dizemos: vamos tratar a droga sem hipocrisia, vamos caminhar com uma outra perspectiva.

Bem, estamos numa eleição e não temos escrúpulo de dizer que não vamos vencer. Eu não serei o presidente da República e não pedimos votos para isso. Nós queremos que no primeiro turno as pessoas votem de acordo com as suas convicções. Votar no Partido Verde no primeiro turno significa dar forças para impedir que destruam a Amazônia, para lutarmos contra o nuclear, para que as pessoas não comam comida envenenada, contra a poluição nas principais cidades brasileiras. Isso para nós é fundamental. Eu tenho dito sempre, a natureza não vota, alguém precisa votar por ela. Só vocês podem votar pela natureza no primeiro turno, para que a gente tenha força e, adiante no Brasil, consigamos deter esse processo de destruição e criar um país melhor para os nossos filhos e para os nossos netos. Muito obrigado.

DEBATE*

Platéia: *Segundo o Estatuto do Índio, consta que ele é tutelado pelo Estado. Como você se posiciona frente a essa tutela?*

Gabeira: Eu sempre fui e sou pela dissolução da FUNAI e contra todos os tipos de tutela. É preciso existir no Brasil um órgão que seja ligado à Presidência da República e que trate dessa questão. Somos, portanto, contra a existência da FUNAI e favoráveis a maior autonomia possível das nações indígenas. Nós criticamos muito o general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército,

*Nota do Editor - Em vários momentos o debate girou em torno de questões intimamente ligadas à conjuntura eleitoral vivida no segundo semestre de 1989. Consumiu-se um bom tempo com a discussão sobre o veto oposto por setores e partidos de esquerda à participação de Fernando Gabeira na chapa encabeçada por Lula na disputa da eleição presidencial. Esta e outras questões do gênero foram deixadas de lado a partir do pressuposto de que perderam hoje grande parte do interesse que então suscitavam.

quando afirmou que os índios eram uma cultura inferior. Ao dizer isso ele colocou em risco a nossa própria segurança nacional. Nós pensamos e sempre dizemos que essas nações são independentes, que devem ser respeitadas na sua vida política, econômica e cultural. Não é à-toa que o artigo da Constituição que demarca as suas terras resguarda todos esses princípios. Isso é absolutamente fundamental. A expressão "nações indígenas", que eu estou usando aqui agora, há alguns anos era proibida no Brasil. Hoje isso é dito e é considerado um imenso avanço, como reconhecimento de que existem dentro do Brasil nações que não se constituíram como Estado, mas que são nações e têm que ser respeitadas como tais.

"Existe uma relação profunda, limpa e clara entre a ecologia e a fome que as pessoas passam."

Platéia: *Com relação à Amazônia e Mata Atlântica, qual seria seu plano de governo?*

Gabeira: Nós temos um projeto a curto prazo que se chama Pacto Ecológico para a Amazônia. Este pacto foi firmado por nós, Chico Mendes e outros intelectuais do Rio e São Paulo. Ele consiste mais ou menos em alguns pontos que já mencionei, tais como: zonedar a Amazônia ecologicamente, impedir o uso de mercúrio nos rios, proibir a exportação de madeiras, cortar o incentivo à criação de gado, ter uma nova política de mineração, demarcar as terras indígenas, etc. O mais interessante do projeto do Partido Verde é que nós levaremos a questão da Amazônia a toda a humanidade, sob o controle do Brasil, mas com a participação de todos.

A Amazônia no século XXI poderá ser o banco genético da humanidade. É dela que vamos tirar plantas que vão curar muitas doenças que ainda não têm cura; fungos, bactérias que vão combater as pragas que hoje são combatidas com agrotóxicos; alimentos que ainda não conhecemos; frutas que possam dar outras possibilidades para o nosso paladar; novas espécies através das combinações múltiplas entre as plantas. Nós teremos a possibilidade de explorar isso num outro mundo no século XXI, onde o domínio da biotecnologia poderá fazer com que essa riqueza seja realmente desenvolvida.

Através da luta pela defesa da Amazônia nós vamos questionar as relações internacionais e dizer que não podemos pagar a dívida e simultaneamente salvar

a Amazônia. Nós vamos dizer que não aceitamos os termos do comércio internacional, pelos quais os produtos brasileiros são vendidos muito mais baratos e, os produtos de fora, muito mais caros. Alguns dias atrás estive em Paris e vi uma empresa limpando a rua. Perguntei a um amigo que trabalha na administração e ele me confessou que aquela empresa cobra da Prefeitura de Paris 40 dólares por quilo de cocô de cachorro que retira das ruas. Pois bem, não existe nenhum minério brasileiro, exceto o ouro, que tenha o preço de 40 dólares no mercado internacional. É necessário percebermos que o preço dos nossos produtos é profundamente aviltado. Nós temos uma responsabilidade muito grande em reformular isso. A defesa da Amazônia vai nos dar a base política, psicológica, internacional, para criarmos novas relações no mundo.

Platéia: *Gostaria que o Gabeira fizesse uma autocrítica com relação ao discurso verde diante das suas próprias bases. Eu vejo com importância absoluta o discurso verde. Mas a gente vê as pessoas abraçando lagoas, árvores, usando todo o esforço e toda sua energia para defender um animal. Isso é estranho num país como o nosso, onde para milhões de brasileiros nem mesmo é dada a condição de sobreviver como animal. Tudo bem, a ecologia hoje é um discurso universal, internacional. Porém, nós sabemos que isso surgiu e partiu do primeiro mundo, de países que conseguiram dar o mínimo de dignidade para sua população. Primeiro eles cuidaram do ser humano. Eu pergunto: neste país miserável, pobre e decadente, é importante discutir a ecologia? Até que ponto?*

Gabeira: Grande parte dos brasileiros fazem as afirmações que você fez. Eu gostaria, humildemente, de dizer que você está equivocado, pois existe uma relação profunda, limpa e clara entre a ecologia e a fome que as pessoas passam. Onde? Se nós vamos à África hoje, verificamos que os povos africanos estão morrendo de fome por causa da desertificação das suas terras. E se formos ao mar brasileiro? Pessoas como você, com sua posição política, certamente abraçariam a Petrobrás; eu não abraço e vou lhe dizer porquê. Nós vemos que o mar brasileiro e os mares da humanidade estão sendo destruídos. A Academia de Ciências Americana demonstrou que 110 mil mamíferos marinhos morrem entalados com plástico por causa das toneladas de lixo que jogamos no mar. Essa morte da fauna marinha repercute diretamente na fome das populações. Não é à-toa que os pescadores fazem manifestações junto conosco nas lagoas. Eles sabem que a sua pesca está se perdendo. Não é à-toa que as pessoas percebem hoje, claramente, que precisam defender as nascentes, porque sabem que elas estão se perdendo. Não é à-toa que no Pantanal de Mato Grosso hoje se luta contra o vinhoto nos rios produzido pelas grandes usinas de álcool, porque se sabe que estão

destruindo os peixes e as plantas.

Não bastasse isso, a ONU publicou um relatório mostrando a relação entre a degradação ambiental da humanidade, de um lado, e a fome e a morte de milhares e milhares de crianças, de outro. De que morrem essas crianças? Entre outras coisas, por desintéria, por causa da contaminação da água. Um problema cada vez mais sério para nós é a ausência de uma água pura, digna de ser bebida. Tudo isso significa qualidade de vida. Há pessoas com certas posições políticas retrógradas que acham que os trabalhadores precisam apenas comer e dormir. Não se preocupam com a qualidade da comida desses trabalhadores. Isso, sim, é reduzir o trabalhador a um animal. Os seres humanos precisam muito mais do que isso. Eles precisam de comida, comida não contaminada. A música dos Titãs é boa; a gente não quer só comida, a gente quer comida não contaminada, a gente quer diversão, a gente quer arte. É esse o nosso projeto.

O capitalismo e o socialismo real entraram em contradição com a ecologia

Platéia: *Dado que o capitalismo, além de explorar desumanamente os trabalhadores, explora da mesma forma a natureza, não só no Brasil mas também no mundo, o movimento verde ou ecologista passa a ser também anti-capitalista?*

Gabeira: A resposta é afirmativa. Eu acho que existe uma evidente contradição entre o capitalismo e o meio ambiente, porque o capitalismo visa basicamente ao lucro. A defesa do meio ambiente significa outra coisa. Para realizarmos o desenvolvimento ecológico no Brasil precisamos responder a três perguntas: desenvolvimento do que, desenvolvimento para que e desenvolvimento com que efeitos colaterais. O capitalismo não respeita essas preocupações nem lhe interessa o tipo de desenvolvimento que propomos. Ele trabalha com padrões econômicos bastante especiais. O capitalismo, quando calcula a construção de uma hidrelétrica, calcula o preço do material, o preço da mão-de-obra, o desgaste do equipamento e mais uma série de despesas que terá com a obra. Ele calculou tudo para construir Itaipu, mas não pôde calcular o preço da destruição de Sete Quedas. Então, quando observamos o capitalismo falar em produto interno bruto, este sempre sobe para o capitalismo. Sobe quando aumentamos a produção de aspirina para dor de cabeça; quando aumentamos a produção de filmes pornográficos e videogames. O produto interno bruto sobe em qualquer hipótese. Essa é uma visão crítica do processo de crescimento. Portanto, eu diria que a ecologia, no seu desenvolvimento, entra em contradição com o capitalismo. Não com essas medidas mais elementares do prefeito de Uberlândia, que

hoje mandou destruir 25 árvores para construir uma estátua, mas com a ação da Petrobrás, que não quer abaixar a sua taxa de lucros, nem tomar medidas de proteção necessárias ao litoral brasileiro.

Quero lembrar que não só o capitalismo, como também o socialismo real, entrou em contradição com a ecologia. Na União Soviética, na China, em Cuba, nos países do Leste Europeu, o meio ambiente não foi respeitado. Nesses países começa a acontecer um grande movimento de protesto, a onda verde. Na Hungria existe Partido Verde. Tive a oportunidade de participar de um congresso onde havia dois deputados russos do Partido Verde. Isto está ficando claro na União Soviética desde quando fizeram uma pesquisa e os habitantes disseram que queriam um Partido Verde no país. Era, na verdade, o segundo partido que eles queriam, depois do Partido Comunista. Isso porque esses países tomaram consciência de que o socialismo real não toca bem na questão do meio ambiente. Afinal, tanto o socialismo real quanto o capitalismo são idealistas. Eles não consideram a limitação da biosfera. A burguesia quando estava ascendendo pensava que o mundo ia ficar cada vez mais rico, que nós íamos produzir cada vez mais e nos alimentar cada vez mais. O próprio Marx, ao assumir a crítica da burguesia, não criticou esse aspecto. Ele acreditou que a humanidade ficaria cada vez mais rica e não considerou a limitação dos recursos naturais não renováveis.

Hoje, após a biosfera ser tão atingida, compreendemos que ela é essencial. Nós sabemos que a natureza se vingará. Entre tantos problemas que afetam a humanidade, temos, por exemplo, a destruição da camada de ozônio, que está se desfazendo e pode provocar um índice elevado de câncer de pele nas pessoas brancas. Outro problema seria o de queimarmos muito combustível, muito petróleo, o que acaba ocasionando o efeito estufa, por esquentar a terra. Na medida em que a terra esquenta, vai aumentando a possibilidade do degelo dos pólos. Degelando os pólos, os mares se elevam e aí alguns países viverão catástrofes muito grandes. Seria o caso da Holanda, Califórnia e outros lugares do mundo. Portanto, isso tudo não era percebido nem pelo capitalismo, nem pelo socialismo. A natureza é limitada, criou-se esta consciência. Agora é o momento de criticar, ao mesmo tempo, o capitalismo e o socialismo dos soviéticos e chineses.

Platéia: *Quanto à questão da camada de ozônio que está sendo afetada, gostaria de saber se haveria uma forma de criarmos uma lei que impeça o uso do spray.*

Gabeira: No Rio de Janeiro nós apresentamos um projeto de lei proibindo o uso

do spray. Mas os clorofluorcarburetos, esses gases que prejudicam a camada de ozônio, não existem apenas no spray. Eles estão no ar condicionado, nas geladeiras e em vários lugares. Então, o que devemos tentar fazer agora é desenvolver uma tecnologia que possa substituir esses produtos. Por exemplo, uma tecnologia, à semelhança do que já foi descoberto na Inglaterra, para fabricar uma geladeira diferente, assim como um aparelho de ar condicionado diferente no futuro. O problema mais sério que está sendo enfrentado hoje é de como mudar a base da produção para se evitar a utilização de clorofluorcarburetos.

Platéia: Num eventual governo seu, é verdade que as pessoas poderão consumir drogas leves? Sendo a droga algo que vicia, isso fará com que as pessoas venham a consumir cada vez mais, não é? Mas o culpado pelo consumo de drogas são os traficantes. Penso que os traficantes deveriam ser presos e não acho que a solução seja usar drogas leves.

Gabeira: Eu acho que é possível liberar a droga sem aumentar barbaramente o consumo dela. A experiência da Holanda é típica. Para responder a essas inquietações, o caso holandês registra que não houve um aumento de consumo por causa da liberação e não mais existem traficantes competindo com o comércio legal. Isso já significa um grande avanço. Lá é possível comprar a droga em lugares determinados. As pessoas chegam nesses lugares, pegam o menu, escolhem pelo preço e pela qualidade. O governo tem controle disso. Ninguém compra na rua ou de traficante. Vocês já viram alguém vender álcool no câmbio negro? Algum traficante vendendo vodka na rua? É muito raro. Porque o álcool está legalizado desde a década de vinte nos Estados Unidos. No Brasil não há condições de mercado para certas drogas pesadas, como a heroína, por exemplo. O Brasil não tem poder aquisitivo para isso. Nosso mercado se divide entre a cocaína, que é consumida por pessoas de maior poder aquisitivo, e a maconha. Eu tenho dito que é possível o Brasil produzir ao longo do tempo um substituto ecológico para a cocaína. Para mim esse substituto ecológico do futuro seria o guaraná em pó. Porém, o de agora é muito amargo e não consegue entrar no mercado europeu, pois deve ser melhorado. Se conseguíssemos colocar esses produtos nós teríamos condições de atenuar um pouco o próprio consumo da cocaína. Quando digo isso muitas pessoas riem e riam também quando dizíamos que a lambada era uma expressão artística interessante. Os franceses foram lá, gravaram tudo, compraram os direitos autorais e neste verão já fizeram 30 milhões de dólares: a lambada chegou na Europa e aconteceu.